



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração da Termelétrica de Três Lagoas/MS**

**Três Lagoas, MS, 02 de abril de 2004**

Meu caro José Orcírio Miranda dos Santos, nosso querido Zeca do PT,  
governador do estado do Mato Grosso do Sul, e sua esposa, nossa  
companheira Gilda Maria Gomes dos Santos,

Minha querida Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro senhor Issam Fares, prefeito de Três Lagoas,

Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,

Meus caros senadores Ramez Tebet e Delcídio Amaral,

Meus companheiros Deputados Vander Loubet, Antônio Carlos Biffi,  
Antonio Cruz e o nosso conhecido João Grandão,

Deputados estaduais,

Secretários municipais e secretários do estado do Mato Grosso do Sul,

Meu caro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meus companheiros Sérgio Rosa, presidente da Previ; Wagner Pinheiro,  
presidente da Petros, e o Guilherme Lacerda, presidente da Funcef, que  
assinou com o Zeca, aqui, o acordo para que a Funcef possa ajudar a financiar  
a nossa querida ferrovia,

Funcionários da Termelétrica de Três Lagoas,

Meus amigos e minhas amigas,

Meu caro Zico, nosso deputado estadual por São Paulo, companheiro  
que anda muito pela região de Andradina,

Meus companheiros, companheiras, meus amigos da imprensa,

Essa assinatura que eu fiz agora, da desapropriação de fazendas, eu



poderia ter assinado em Brasília, antes de viajar, mas fiz questão de vir assinar aqui, Zeca, na sua presença, porque sei da sua luta neste Estado, para estabelecer um clima de tranqüilidade e harmonia e uma boa relação entre os proprietários, que nós chamamos de empresários da agricultura, e os trabalhadores sem terra, que tanto precisam trabalhar neste país.

Eu fiz questão de assinar aqui porque eu queria fazer um gesto, tanto para os trabalhadores quanto para os empresários. Neste país, a reforma agrária vai ser feita por uma questão de justiça social, por uma necessidade de repartir um pouco melhor o território produtivo, para que a nossa gente tenha a oportunidade de trabalhar.

Mas ela não vai ser feita no grito. Nem no grito dos trabalhadores, nem pelo grito dos que são contra, ela vai ser feita respeitando a legislação vigente e num clima de harmonia, que norteia o comportamento de todo o meu Governo. Nós temos um compromisso que ninguém nos obrigou a fazer. Nós tomamos a decisão de que vamos assentar, até o final do meu mandato, 400 mil famílias e regularizar 130 mil títulos de terra. E nós vamos cumprir.

E eu pretendo, no final do meu mandato, não só anunciar o cumprimento, mas mudar de forma radical o jeito que se fez reforma agrária no Brasil, até então. Porque, na verdade, o que se fazia, era jogar um monte de pobres trabalhadores no meio de uma roça, sem dar a eles nenhuma condição de sobrevivência, nem financiamento, nem assistência técnica, nem crédito. Muitas vezes, nem educação, nem transporte e nem saúde. Então, nós queremos mudar. E vamos fazer isso do jeitinho que eu acredito e que tenho certeza que é o melhor jeito. Nós vamos fazer desapropriando as áreas improdutivas.

E quero aproveitar que este é um Estado que tem muito empresários agrícolas e dizer que nenhuma terra produtiva será mexida, porque nós queremos provar que é plenamente possível uma boa combinação entre a agricultura empresarial e a agricultura familiar. Elas não são antagônicas, não



são incompatíveis, o que precisa é as pessoas pararem de falar demais e permitir que o Governo cumpra os compromissos que assumiu com a sociedade brasileira.

A segunda coisa, Zeca, que eu acho importante nessa inauguração, é porque de tanto andar pelo Brasil, antes de ser eleito Presidente da República, eu firmei comigo uma convicção: o Brasil não precisa de nenhuma obra faraônica que marque a passagem de um governante. É hábito no Brasil, faz parte da nossa cultura política um governante tentar fazer uma grande obra para formar a imagem ou a sua própria história diante da Nação. Eu, como andei muito pelo Brasil, firmei a convicção de que a grande obra que um governo pode realizar num país da dimensão do Brasil, é fazer funcionar as coisas que já existem na área da saúde, na área da educação, na área dos transportes. Está aqui o ex-governador Marcelo Miranda – parece-me que ele é do Dnit, agora – que sabe que o grande problema deste país não é apenas fazer uma nova estrada, mas é não se ter feito a manutenção correta da nossa malha viária durante anos. E se você gasta bilhões e bilhões de dólares para construir uma malha viária do tamanho da nossa e, depois, você não faz a manutenção correta, você precisa gastar, praticamente, quase que a mesma quantia para fazer funcionar corretamente as nossas estradas.

E nós estamos, no ministério dos Transportes, com o compromisso de, este ano – já fizemos uma parte no ano passado e fomos prejudicados pela quantidade de chuvas, exageradas, boas, mas exageradas em alguns lugares do Brasil – e nós vamos ter que, agora, refazer parte das estradas que tínhamos refeito no ano passado.

Então, o que precisamos é não permitir que um país como o nosso, tenha o privilégio de ter obras paradas. Daí porque eu brinquei com o Zeca, ontem, com o Carlos Wilson, sobre a iluminação do aeroporto. Ora, você não pode, depois de ter um aeroporto dessa magnitude, numa pista enorme como essa, 2 mil e duzentos metros de comprimento onde até o avião do Presidente



pode pousar – porque não é em qualquer aeroporto que pousa o avião presidencial, não. Eu, por exemplo, não consigo pousar em Santos Dumont, no Rio de Janeiro, tenho que pousar no Galeão – então, você não pode fazer uma pista maravilhosa dessa e depois deixar ela funcionar pela metade. Porque vocês não sabem a loucura que foi ontem, sair de Araras, em São Paulo, para chegar ainda com sol, senão eu não poderia descer aqui.

Eu penso que pode se fazer uma boa parceria entre a Infraero e o governo do estado, a Infraero dá o dinheiro, o estado dá o aeroporto e, nessa combinação, a gente ilumina este aeroporto. Porque eu acho que tem gente que gostaria de vir à noite para cá, isso aqui pode ser uma rota extraordinária para o desenvolvimento dessa região.

Da mesma forma, essa história do trem. Eu tive a oportunidade de fazer uma reunião com o presidente da Argentina, no Rio de Janeiro, há 15 dias atrás, e pedi para que ele fizesse um estudo em todo o seu território por onde passa a ferrovia, para ver quais as condições da ferrovia na Argentina. Depois falei com o presidente Lagos, para que ele faça uma vistoria também nas ferrovias dentro do território chileno. E também pedi ao presidente Carlos Mesa para fazer uma vistoria na estrada, a partir de Santa Cruz de La Sierra, para ver como é que está o estado dessa ferrovia. Não é possível, alguma coisa anda errada neste país, porque há tantos anos, tantos governantes falam de uma rodovia ou de uma ferrovia bioceânica, quando nós já temos uma pronta, que com 890 milhões de reais pode-se colocá-la para funcionar e, quem sabe, no futuro, melhorá-la, fazer bitola larga. Mas o que é importante é que a gente coloque essa ferrovia para funcionar, Zeca. E está aceito o convite.

Na hora em que essa ferrovia for inaugurar – e eu espero que seja o mais rápido possível, até outubro ou novembro – eu quero pegar esse trem lá em São Paulo e encontrar com você, aqui. E, daqui, a gente vai se encontrar com o presidente da Bolívia. São 14 dias de viagem e, possivelmente, não vamos poder passar 14 dias dentro do trem, mas é uma viagem que eu acho



que nós precisamos fazer. Isso faz parte do nosso projeto de integração do Mercosul e da América do Sul e também do compromisso de facilitar as nossas exportações para os países beneficiados pelo Oceano Pacífico. O mais importante Zeca, é que me parece que não falta muito para fazer, em nenhum lugar, e, portanto, vamos inaugurar essa estrada, porque não vamos permitir que, no Brasil, obras fiquem paradas. A ponte de que você falou, faltava apenas 5% para concluir. E ela ficou parada anos.

Eu tenho dito no ministério da Saúde, tenho dito a todos os ministros: o povo não está querendo mais um elefante branco, o povo está querendo ser bem atendido nos hospitais, atendido com respeito. Nas nossas escolas, precisamos respeitar o nível de ensinamento que as nossas crianças estão tendo porque, se não tiver uma melhoria no ensino fundamental, não adianta depois tentar fazer a correção na universidade, a correção tem que ser feita a partir do primeiro ano de escolaridade das nossas crianças.

Ontem, em Araras, eu disse que não é possível uma criança entrar na escola e ter aprovação continuada, porque o índice de repetência é alto demais. Ora, não se resolve o problema da repetência anulando-se um critério de medição da qualidade de ensino, porque senão é muito fácil: “eu não quero ter repetência, porque vai aparecer o índice do IBGE dizendo que tantas crianças repetem de ano e ficam culpando o banco da escola, então, vamos passar direto.” Ora, que história é essa? É porque é o pobre que está na escola pública? É porque são as crianças mais humildes que estão na escola pública? Nas escolas onde estão os filhos dos ricos, nas escolas melhores, particulares, deste país, a molecada tem prova a cada dois ou três meses e se não estão bem numa matéria, têm reforço, porque se estabeleceu como critério que a criança vai lá para estudar e para aprender. Na escola pública não. A criança vai lá porque tem que ir. E é preciso colocar nas estatísticas que toda criança está na escola. É preciso mostrar para a Unicef, para a ONU, para todo mundo que toda criança está na escola. E a qualidade desse ensino? E a



qualidade dessa educação? E é isso que nós vamos começar a mudar profundamente. E é por isso Zeca, que muita gente se incomoda.

Eu, de vez em quando, digo: graças a Deus eu cheguei à Presidência depois de perder três eleições, depois de ter passados dos 50 anos de idade, porque eu cheguei no momento, eu diria, melhor de um ser humano. Vocês que são jovens não acreditam, mas é verdade, vocês vão ver, quando vocês tiverem 50 anos. Ou seja, é o auge da maturidade de um ser humano, você fica com mais paciência, você já não fica mais com raiva do que você lê na imprensa, você já não fica mais com raiva da oposição. De vez em quando você até fala: que bom que tem oposição que faça críticas e que pouca gente tenha um tempo, Zeca, de fazer uma aferição entre o que acontecia antes e o que acontece agora, por mais que a gente queira fazer as coisas rápido. Todos vocês sabem que, se eu quisesse anunciar essa ferrovia como anunciamos agora, ela vai demorar oito ou nove meses para ficar pronta. E na política é a mesma coisa. Nós estamos no momento exato de fazer este país aflorar, apesar do pessimismo de alguns, porque tem gente no Brasil que acorda e vai dormir torcendo para as coisas não darem certo. Eu digo sempre que tem gente no Brasil que é como ex-marido ou ex-mulher que não quer que as pessoas tenham um novo casamento e seja feliz. O ex-marido fica torcendo: “tomara que ela faça com ele o que fazia comigo!” A mulher fica falando: “tomara que ele faça com ela o que fez comigo!” Ou seja, no Brasil tem isso, os “ex” que não se conformam de ter alguém que possa fazer mais do que eles. E eu sou como o Zeca: a gente vai ficar batendo boca, Zeca? Todos nós temos que estar na fase do “Lula paz e amor”, e no momento certo nós vamos provar com números, o que aconteceu no país em quatro anos e o que aconteceu antes, o que foi feito em cada área, antes e depois. Porque somente assim é que a gente pode mostrar para a sociedade, com muita tranquilidade, as mudanças que estão acontecendo no nosso país.



Nós, Zeca, vamos fazer mais. A Petrobrás está aqui, eu pensei que o José Eduardo ia tocar nesse assunto. Possivelmente, nos próximos dez dias, a Petrobrás vai ser convidada pela ministra Dilma para ir ao meu gabinete discutir um sonho deste Estado aqui, que é o pólo de gás-químico. Obviamente que é um projeto que já está em estudo, nós vamos estudá-lo com carinho, porque eu quero transformar os discursos da aliança da América do Sul em coisa concreta. E nós precisamos fazer alguma coisa não apenas para ajudar essa região brasileira, mas também para ajudar um país irmão como a Bolívia, que precisa muito do apoio de um país como o Brasil, para que as coisas dêem certo lá. Eu sei que a Petrobrás é dura na queda, eu sei que a Petrobrás pode ter outras preferências, mas não há nenhum ser humano, nem os dirigentes da Petrobrás, que não tenha sensibilidade para um projeto de integração da América do Sul com esse que nós estamos fazendo.

Quero dizer a você, meu caro Zeca, que a iluminação do aeroporto aqui está dentro do programa “Luz para todos”, que a Dilma anunciou no Ministério. Além disso, Zeca, nós anunciamos uma coisa importante. Nesta semana, a ministra Dilma e a ministra Marina fizeram, lá no Palácio do Planalto, o lançamento de um programa chamado Proinfa, um Programa de energias alternativas que vai produzir energia da biomassa, aeólica, termelétrica, pequena hidroelétrica vai ser uma coisa muito importante. O povo brasileiro precisa saber de algumas informações: quando tomamos posse, nós tínhamos no Brasil 35 hidroelétricas paralisadas; das 35, nós retomamos 17, entre junho e novembro do ano passado, e temos 18 para resolver. E muita gente resolve os problemas com muita facilidade, jogando a culpa no IBAMA. Muitas vezes, o IBAMA tem que ser do jeito que é mesmo, porque neste país, antes, fazia-se projeto e iniciava-se a obra, para depois ir atrás do licenciamento prévio. Agora, nós estamos trabalhando de outra forma, por obra da Dilma e da Marina, que criaram uma palavra chamada transversalidade. E nós estamos colocando em prática a transversalidade, ou seja, o IBAMA, o Ministério Público e os ministros



discutem o projeto desde o começo para que não haja, depois do projeto pronto e do financiamento, a negativa de um licenciamento.

Nós vamos retomar essas hidroelétricas. Aquelas que não puderem ser feitas, porque vão agredir o meio ambiente, vamos ter que ter a coragem de dizer aos empresários que não serão feitas, porque têm empresários no Brasil que estão esperando o Governo autorizar hidroelétrica há 14 anos e o Governo fica enrolando os empresários: “não, é o IBAMA, é o Ministério Público”. Mentira, é que não pode ser feita. Então alguém tem que ter a coragem de dizer aos empresários: “não pode ser feita, por isso meu caro, procure outro rio, nesse não vai ser feito.” E nós vamos ter a coragem de dizer isso aos empresários, porque eu acho que mentira tem pernas curtas. Só que, nesse caso, as mentiras já têm mais de 14 anos e é preciso, então, que a gente diga logo.

Nós fizemos uma reunião com o ministério de Minas e Energia, Petrobrás, ministério dos Transportes, ministério do Meio Ambiente, Ibama e, depois, fiz uma reunião com o Ministério Público, para pegar todas as obras que estão com problemas, para que a gente comece a destravar e dizer claramente: essa vai ser feita, essa não vai ser feita. Para que ninguém fique enganando o povo brasileiro por mais tempo. E vamos fazer isso com todas as obras de infra-estrutura do nosso país.

O projeto de revitalização do São Francisco, que vai levar água para outras regiões do país, está sendo feito concomitantemente com os ministérios da Integração, dos Transportes, da Reforma Agrária, da Agricultura, do Meio Ambiente e o Ibama para, quando anunciarmos o projeto, ele já tenha todos os problemas resolvidos e a gente não tenha que ficar demorando muito. Nós, hoje, por exemplo, temos um problema sério nos portos brasileiros, Zeca. Eu, de vez em quando, fico pensando o que fizeram neste país há alguns tempo, na área do transporte.

Se o porto de Paranaguá e o porto de Santos não forem dragados





urgentemente, a gente vai paralisar a nossa política de exportação. E ontem, o ministro Furlan anunciou, Zeca, que nós batemos outro recorde histórico nas exportações brasileiras. Foi a primeira vez na História do Brasil que nós conseguimos, em um mês, exportar 7 bilhões e 300 milhões, ou seja, foi uma coisa extraordinária. E vamos continuar a crescer. Mas não foi feita, meu caro Marcelo Miranda, há oito anos atrás, a dragagem dos portos que precisava ter sido feita, porque senão os navios não conseguem encher, porque o casco bate no chão. Era este país que estava escondido, era este país que a imprensa não divulgava, porque neste país se criou o chamado consenso, pensamento único. Estava tudo tão maravilhoso, até que nós descobrimos que não estava tão maravilhoso assim, em várias áreas. E vocês sabem do nosso comportamento.

Eu tenho pedido para todos os ministros: “não vamos ficar falando de outros governantes, vamos falar aquilo que nós temos que falar.”

Eu queria dizer aqui ao nosso amigo Ramez Tebet, que tanto tempo brigou por uma estrada, a BR-158. Esta estrada começa – deixa eu pegar o trecho de onde ela começa – é uma demanda importante deste Estado, e o governo federal já retomou aqui, em Três Lagoas, outra obra inacabada, que é exatamente essa BR, que vai de Três Lagoas a Sevilha, me parece. A obra ficou paralisada 595 dias, do dia 3 de julho de 2002 a 17 de fevereiro deste ano, quando nós a reiniciamos. Nessa rodovia, o único trecho não pavimentado pela BR 158 é no estado do Mato Grosso do Sul. Essa BR começa em Campilândia na fronteira com Goiás e segue em direção a Parnaíba, Aparecida do Taboão, Sevilha e Três Lagoas. Portanto, Senador, eu sei do seu empenho para que essa obra seja acabada, sei do desejo do Governador e, se Deus quiser, nós viremos aqui, também, inaugurar o término dessa estrada tão necessária para o Estado.

Por último, eu queria dizer a vocês que nós vamos inaugurar o aeroporto de Três Rios. Eu queria, aqui, fazer um elogio: o nosso companheiro Carlos



Wilson, que está há apenas 13 meses na presidência da Infraero, mas nesses 13 meses ele, possivelmente, já fez mais do que outros que passaram lá em 13 anos. Inclusive Carlos Wilson, você que não é paulista, é pernambucano como eu, mas eu, que morava em São Paulo, você não sabe o que a gente sofria naquele aeroporto de Congonhas. Todo santo dia nós amaldiçoávamos alguém. E, se Deus quiser, em julho, vamos inaugurar não apenas a reforma do aeroporto, mas aquele estacionamento, porque aquilo era uma coisa bárbara para quem chega lá.

O aeroporto de Santos Dumont. O Rio de Janeiro merece um aeroporto melhor no centro, e o Carlos Wilson está fazendo reforma em quase todos os aeroportos das importantes cidades brasileiras. E em algumas cidades Zeca, inclusive pequenas, que têm aeroporto. O Carlos Wilson está fazendo parceria e vamos colocar este Brasil para funcionar, porque sem portos, sem aeroportos, sem estradas e sem ferrovias, este país não cresce do jeito que nós queremos que cresça.

Quero, também, dizer aos meus companheiros dos Fundos de Pensão que eu fico todo dia torcendo para que os Fundos – que, no Governo anterior, aplicaram grande parte dos milhões que têm em ativos já prontos, participando da compra de empresas estatais que foram privatizadas – agora comecem a investir em algum ativo novo. Eu tenho insistido com os companheiros da Funcef, da Petros e da Previ, que está na hora deles investirem em alguma coisa que signifique criar um novo ativo para que possam gerar riqueza. Obviamente, eu sei da preocupação dos Fundos, porque o dinheiro não é deles. Eles precisam ter rentabilidade para os futuros aposentados. Mas eu acho que nós precisamos garantir que esses Fundos possam aplicar nas ferrovias que precisamos, possam aplicar em habitações que tanto precisamos. É preciso garantir para eles a rentabilidade necessária, porque senão os donos dos Fundos, que são os trabalhadores do Banco do Brasil, da Petrobrás e da Caixa Econômica Federal, mandam a Direção embora.



Nós estamos discutindo isso com muita gente, e eu queria dizer uma coisa que eu tenho dito em todos os lugares: empresário que tiver projeto, eu quero dizer que, no Brasil, não falta dinheiro para financiar projeto. Se alguém disser que não tem financiamento, é porque não tem projeto. Se tiver projeto, não só tem dinheiro como, se não tiver, nós vamos arrumar. Porque nós decidimos que o que faz o dinheiro é um bom projeto. Se alguém tiver um bom projeto, seja ele industrial, seja de ferrovia, de rodovia, não faltará dinheiro para que se faça esses investimentos no Brasil.

Eu tenho feito esse desafio em todos os lugares, porque não é possível que, ao terminar o ano, o BNDES não tenha aplicado todos os recursos que estão disponíveis para que a gente faça as obras que precisam ser feitas no Brasil.

Eu quero, Zeca, lhe dar os parabéns por mais esta termelétrica. E eu falo termelétrica, a Petrobrás escreveu termoelétrica. Nós vamos abrir uma briga agora no meio dos filólogos para ver quem é que está certo, se é termoelétrica ou termelétrica mesmo. De qualquer forma, sendo termoelétrica ou termelétrica, o que importa é que o Mato Grosso do Sul acaba de ganhar mais 240 megas para produzir, para fazer com que este Estado não pare de crescer.

Meus parabéns à Petrobrás, meus parabéns ao companheiro José Eduardo Dutra, meus parabéns à companheira Dilma Rousseff, meus parabéns a você Zeca e meus parabéns a todos vocês.

Muito obrigado.

/rss/vpm